

4468

J93

115

273

144

30

## Índios como escudo... (2)

UCHÔA DE MENDONÇA

É estranho como uma empresa estatal como a Companhia Vale do Rio Doce passe duas gerações explorando de forma predatória e vil as riquezas minerais da nação, tendo um "exército" de defensores no seio do sindicalismo de esquerda do país, que ostentava de forma vergonhosa (até o dia da privatização) o mais acintoso processo corporativista, enquanto a Aracruz Celulose, uma empresa privada, que exporta matéria produzida com recursos renováveis (madeira de eucalipto) tem um sindicato (Sinticel) que é contrário aos interesses da empresa, ao seu desenvolvimento.

A carta do Sinticel ao L.O. - Norwegian Labor Organization (a CUT dos trabalhadores noruegueses) é um primor e gerou na Noruega o seguinte documento contra a Aracruz Celulose e, conseqüentemente, contra os interesses brasileiros:

"L.O. acredita nas acusações relativas à violação dos direitos do mais importante sindicato dos trabalhadores da Aracruz Celulose. Um de seus maiores acionistas é o senhor Erling Lorentzen, cunhado do rei da Noruega.

A fábrica de celulose que pertence parcialmente a grupos noruegueses está novamente exposta ao julgamento público. Este **críticas** contra seus acionistas vem do Sinticel, sindicato dos trabalhadores, que é filiado à CUT, uma organização semelhante a L.O. O sindicato acusa os acionistas de sérias violações de direitos no local de trabalho.

A fábrica esteve recentemente na mídia, face à questão indígena, que acusa a empresa de ter-lhes tomado seus territórios.

Na carta ao L.O. o Sinticel lista uma série de acusações. O sindicato afirma que seus diretores têm sofrido interferência no seu trabalho, quando no uso de suas atribuições e na defesa dos interesses de seus associados. Os dirigentes da Federação Fitipel têm sido perseguidos e demitidos, de acordo com a carta".

O documento vai por aí, numa eloqüente manifestação contrária aos interesses de desenvolvimento do Brasil e, ao meio, reconhece: "Nós não olhamos a Aracruz como uma empresa de capital norueguês. A família Lorentzen vive no Brasil há aproximadamente 50 anos, e a quantidade de ações que os grupos DNB e Storebrand possuem não é significativa. A Aracruz não é melhor, ou pior, que a maioria das empresas brasileiras. Nós, constantemente, manifestamos nosso criticismo em relação a acionistas e autoridades de países em desenvolvimento, por exemplo, o Brasil".

É isso aí! Temos a intromissão dos cutistas noruegueses em negócios relevantes do Brasil. A Aracruz Celulose nunca adquiriu um metro quadrado de terra de índios. A Aracruz Celulose presta relevantes serviços aos poucos índios que vivem ali, perfeitamente aculturados e com terras maiores do que suas necessidades.

Finalmente, seria interessante que organismos ligados à Internacional Socialista, como a L.O. e outras, se intrometessem nos negócios dos trabalhadores dos seus países. O que existe é uma preocupação com o desenvolvimento nacional; é o medo do Brasil ser uma potência econômica e social amanhã. Mas não com esse tipo de sindicalismo inconseqüente.

■ UCHÔA DE MENDONÇA é jornalista.